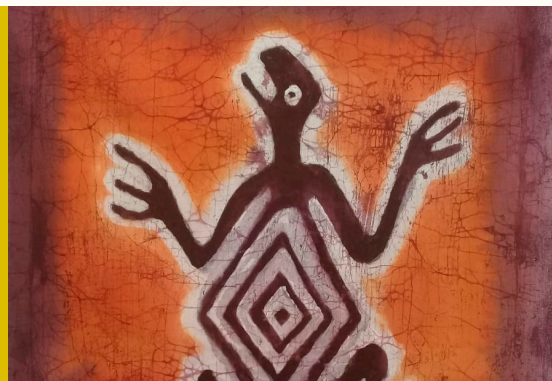


# RALED

VOL. 20(1) 2020



ARTÍCULO

## **Pelas mãos de Carme: a luta do corpo na arte de viver.<sup>1</sup>**

*Through Carme's hands: the body's  
struggle in the art of living*

---

**SUZY LAGAZZI**

Universidade Estadual de Campinas  
Brasil

Recebido: 09 de abril de 2019 | Aceito: 06 de maio de 2020

## RESUMEN

El presente artículo analiza desde un punto de vista del análisis del discurso de base materialista las contribuciones de la discursivista brasileña Carme Schons. Se toma específicamente como objeto de reflexión, un proyecto de investigación en el que Schons elige el cuerpo por el sesgo discursivo, específicamente por las discursivaciones sobre la mutilación femenina. En ese proyecto, era del cuerpo simbólico que la autora brasileña trataba, en que el fisiológico está ya siempre significado. Para ella, la narrativa de mujeres mastectomizadas era un espacio de importante comprensión del sujeto y de las imágenes del cuerpo y sobre el cuerpo que lo determinan cuando es alcanzado por la enfermedad. En el entrelazamiento del verbal (narrativas) y del visual (cuerpo-imagen) Carme quería “observar y analizar las producciones de sentidos en sus procesos discursivos”.

**PALABRAS CLAVE:** *Análisis del discurso, cuerpo e imagen, narrativa de mujeres mastectomizadas.*

## RESUMO

O presente artigo analisa de um ponto de vista da Análise do discurso de base materialista as contribuições da discursivista brasileira Carme Schons. Toma-se especificamente como objeto de reflexão, um projeto de pesquisa em que Schons elege o corpo pelo viés discursivo, especificamente pelas discursivizações sobre a mutilação feminina. Nesse projeto, era do corpo simbólico que a autora brasileira tratava, em que o fisiológico está já sempre significado. Para ela, a narrativa de mulheres mastectomizadas era um espaço de importante compreensão do sujeito e das imagens do corpo e sobre o corpo que o determinam quando atingido pela doença. No entrelaçamento do verbal (narrativas) e do visual (corpo-imagem) Carme queria “observar e analisar as produções de sentidos em seus processos discursivos”.

**PALAVRAS CHAVE:** *Análise do discurso, corpo e imagem, narrativa de mulheres mastectomizadas.*

## ABSTRACT<sup>1</sup>

The present article analyzes from a point of view of the analysis of the materialistic discourse the contributions of Brazilian discursivist Carme Schons. Specifically, a research project in which Schons elects the body through discursive bias, specifically through discursivizations about female

1 Texto inicialmente apresentado no VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED-Brasil, que teve como tema “Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas”, realizado na Universidade Federal de São Carlos - UFSCar.

mutilation, is specifically taken as an object of reflection. In this project, it was of the symbolic body that the Brazilian author treated, in which the physiological is already always meant. For her, the narrative of mastectomized women was a space of important understanding of the subject and the images of the body and the body that determine it when struck by the disease. In the intertwining of verbal (narratives) and visual (body-image) Carme wanted to “observe and analyze the productions of meanings in their discursive processes”.

**KEYWORDS:** *Discourse analysis, body and image, narrative of mastectomized women*

## Um pouco de Carme e de nosso encontro

Carme Schons foi uma grande discursivista brasileira que teve a sua vida prematuramente abreviada por um câncer. Autora de diversos livros e artigos importantes no campo da análise do discurso francesa, ela soube tecer sua luta em meio às cores e aos traços que seu pincel nos pintou, em meio às palavras que se projetaram para dizer de um corpo que resistiu sempre. São pinturas e enunciados que me encontraram ainda buscando entender o entrelaçamento entre a força e a delicadeza da sua proposta. Pinturas e enunciados que me demandaram de maneira muito particular, entrecruzando o verbal e o visual.

Voltar ao trabalho de Carme significou escutá-la num novo timbre ao retomar o projeto que ela me apresentara de “analisar o corpo pelo viés discursivo, especificamente pelas discursivizações sobre a mutilação feminina” (Schons 2014: 3). Seu projeto trazia sua determinação em lutar pela vida, seu enfrentamento da ameaça da morte, sua resistência incansável. Em meio a seus enunciados, a palavra “inexorável” me capturou, seja pela prosódia exigente, seja na dureza dos seus sinônimos: “inflexível, imutável, inevitável, incurável”. Entrar no projeto de Carme exigiu tomar fôlego a cada parágrafo. Seu texto me trouxe a vida que habitava o seu sorriso e a luta que habitava sua vida. Nesse entremeio meu texto se tece, tentando compreender nas formulações de Carme, tanto em seu projeto quanto em suas telas, um pouco mais da sua luta e de sua vontade de dar voz a um corpo que confrontava a morte deixando a vida pulsar.

Retomo as palavras de Carme em seu projeto: “O interesse desta pesquisa é o de centrar o estudo do corpo via palavras, via narrativas. A palavra emitida pelo corpo carrega manifestações do sujeito e revela inscrições de sua subjetividade” (Schons 2014: 4). Era do corpo simbólico que Carme tratava, em que o fisiológico está já sempre significado. Para ela, a narrativa de mulheres mastectomizadas era um espaço de importante compreensão do sujeito e das imagens do corpo e sobre o corpo que o determinam quando atingido pela doença. No entrelaçamento do verbal (narrativas) e do visual (corpo-imagem) Carme queria “observar e analisar as produções de sentidos em seus processos discursivos” (Schons 2014: 5).

### 1. A imbricação em foco

Este entrelaçamento entre o verbal e o visual, tal como posto na abertura do projeto de Carme, me diz da força da análise discursiva na imbricação de diferentes materialidades significantes. Em meus trabalhos (Lagazzi 2009, 2011, 2012, 2015, 2017), tenho reiterado a importância de o analista considerar o conjunto das diferenças materiais, mobilizando as especificidades de cada materialidade significativa no jogo entre descrição e interpretação.

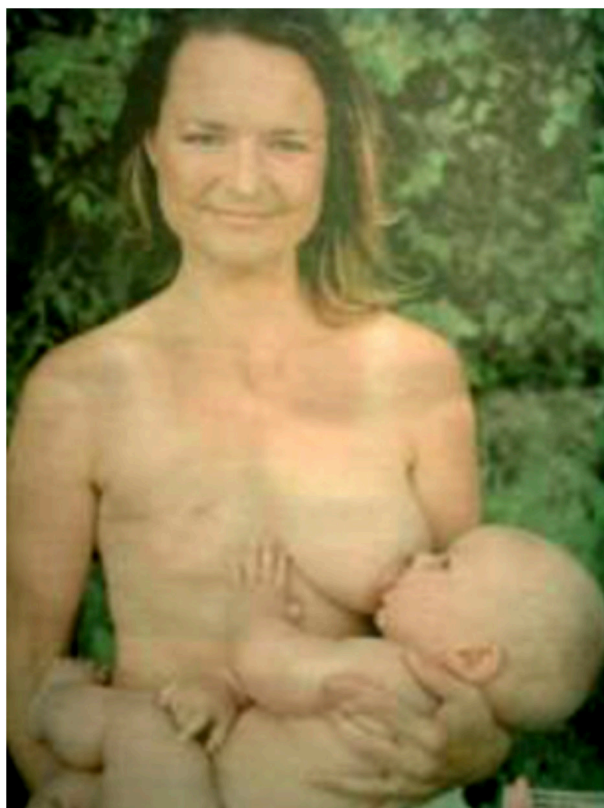
Quando temos um objeto simbólico materialmente heterogêneo, é na composição das linguagens que o constituem que o analista deve investir seu gesto de descrição, buscando no jogo de remissão entre os elementos das distintas materialidades a possibilidade de compreender o funcionamento discursivo. Isso significa fazer trabalhar a deriva de sentidos nesse jogo de remissão entre os distintos elementos estruturantes das diferentes materialidades. Reafirmando a incompletude simbólica constitutiva de toda linguagem, nas diferentes estruturações materiais possíveis, resalto o postulado de Michel Pêcheux (1990: 15) de que “um sentido sempre pode vir a ser outro”, e localizo na deriva de sentidos o movimento que sustenta as relações entre os elementos em composição.

A interpretação sendo um movimento na história a partir de diferentes posições de sujeito, a contradição está sempre presente nesse movimento. Portanto, retomando algumas elaborações anteriores (Lagazzi 2009: 7), defendo que não temos materialidades que se complementam na busca do sujeito pela saturação simbólica, mas temos, sim, materialidades em composição, que se relacionam contraditoriamente, cada uma fazendo trabalhar a incompletude na outra. O funcionamento da imbricação material se dá na incompletude simbólica constitutiva das linguagens em composição, em suas diferentes estruturações materiais. “Na remissão de uma materialidade a outra, a não-saturação funcionando na interpretação permite que novos sentidos sejam reclamados, num movimento de constante demanda” (*Idem*).

Na abertura do projeto de *Carme*, título, imagem e epígrafe se imbricam e convocam o leitor:

### FIGURA 1

“Os desafios da mutilação: projeção imaginária e subjetividade em narrativas de mulheres mastectomizadas”.



(...) O que é governar um navio? É certamente se ocupar dos marinheiros, da nau e da carga; governar um navio é também prestar atenção aos ventos, aos recifes, às tempestades, às intempéries, etc. (Foucault 2005: 282-283).

*Mutilação* é o significante que se apresenta no título em relação metafórica com “mulheres mastectomizadas”. Uma relação sem contornos, de uma diretividade que faz ressoar o inexorável: mastectomizar é mutilar. No confronto do sujeito com o corpo, é o “corpo mutilado” o real que demanda significação.

Carme não se poupa e não nos poupa. A fotografia<sup>2</sup> que nos encontra desafia o nosso olhar, que oscila entre a falta e a abundância no mesmo corpo. Um desencontro que desorganiza os sentidos, numa divisão que barra qualquer síntese. O peito ausente nos fala de um corpo mutilado, acena com o fantasma da morte, e o peito que nutre nos fala da vida e da sua continuidade, cada um fazendo referência ao outro. Uma imagem que fala da mutilação ressaltando a vida na alteridade constitutiva do gesto de amamentar. Um peito que falta no corpo da mãe, mas que não faz falta na relação entre ela e @ filh@. O peito presente preenche e sacia. O que falta, então? Nesta formulação visual, a falta n(d)a mãe se desestabiliza no encontro entre ela e @ filh@. Como significar a mutilação neste caso em que a vida se encontra no gesto que ao nutrir acolhe e aconchega? A fotografia se diz na contradição.

A epígrafe nos fala de ameaças que merecem atenção, de perigos que nos rondam. Ventos, recifes, tempestades, intempéries. O que é o governo do corpo frente a essas ameaças? Como o governo de si deve administrar a vida, se ocupar dos marinheiros, da nau e da carga, tendo a morte sempre à espreita? O desafio da vida na contraparte da sempre possibilidade da morte. A busca da vida apesar do perigo da morte. De novo a contradição se afirma. Entre a vida e a morte, a mutilação demanda ser enfrentada e significada.

Da radicalidade do título que afirma a mastectomia como mutilação, passamos à contradição estruturante da fotografia, que nos faz olhar para o “corpo mutilado” nos mostrando que este é um corpo que produz, nutre, sacia e acolhe a vida. Portanto, qual o sentido de mutilação? A falta física pode ser simbolicamente ressignificada? A fotografia vem desestabilizar o título e instaurar no texto o jogo entre a vida e a doença como ameaça da morte. A epígrafe, por sua vez, reitera a presença da ameaça da morte, significando a vida como desafio e busca ao mesmo tempo. Título, fotografia e epígrafe compõem uma abertura sensível e contraditória para a discussão da mutilação. Na imbricação material entre os enunciados e a imagem, o sentido de mutilação parece escorregar.

## 2. Uma dor que se fez projeto

Em seu projeto, Carme pergunta pela “representação que as mulheres mastectomizadas fazem de seu corpo nas relações consigo mesmas e com o outro” (2014: 9), apontando os deslizamentos de sentidos produzidos para “mutilação” nas narrativas dessas mulheres. A autora nos diz:

Ao lado do corpo como existência de carne, de vida, surge como um efeito de (im)possibilidade de desejar, de simbolizar, de ser vista e, por conseguinte, de “morte” em vida. A contradição de estar “morta e viva”, simultaneamente, emerge como efeito de um processo de sujeição e de objetivação do sujeito mutilado. Com o corpo “machucado”, com o corpo deformado, as rela-

---

2 Disponível em: <http://sindromedeestocolmo.com/category/trabalho/grupo-origem/> acessado em 4-02-2014, 08:46, por Carme Schons.

ções estabelecidas com a produção dos modos de sentir, pensar e agir, na vida, manifestam-se também mutiladas.

É necessário lembrar que na palavra mutilação, em contextos de uma investida contra si mesma, em momentos de extrema tensão, há o viés de uma direção contrária (adversidade) a si mesma. É a ideia de adversidade que pensamos trabalhar nos textos das entrevistadas, os efeitos dessa adversidade (ação própria de adversário do corpo). Entendemos que a palavra mutilação já se situa num patamar de inexorabilidade.

Falar em “gestão dos corpos” significa tratar de certa ordem social, na qual o corpo é o lugar de prestação de contas, de vigilância regular; lugar de integridade, de desarranjo do sistema no interior do corpo social. A realidade de corpos enfermos irrompe no meio do discurso científico, que também é lugar de manifestação do sujeito: de sua condição de vida e de sua autoimagem, como princípio de individuação (Schons 2014: 10).

As formulações de Carme ressaltam que o corpo é “lugar de vida e desejo na (im)possibilidade desse desejo e dessa vida”, “lugar de mutilação”, “adversário de si”, “lugar de se dizer e de prestar contas”, “lugar de integridade e de desarranjo”, “testemunho de alteridade se representando para o eu e o outro”. Nos enunciados de seu projeto encontramos um corpo que se nega e se afirma ao mesmo tempo. Retomando a noção de ‘materialidade significante’, com a qual venho trabalhando desde a análise de *Tereza* (Lagazzi 2009), Carme me brindou com a afirmação de que “o corpo é materialidade significante produzindo memória” (Schons 2014: 11).

Seu projeto nos diz muito da luta contraditória que a habitava. Chamo a atenção para duas perguntas que ela nos lança em seu texto: “De que forma pessoas desassistidas conseguem suportar e se projetar, do lugar discursivo de onde falam, sobre suas dores, sobre suas lutas, sobre seus sofrimentos? De onde vem tanta coragem?” (Schons 2014: 8). São perguntas que escapam ao objetivo proposto por Carme e desorganizam sua discursividade. Perguntas que não caberiam no projeto que Carme pretendia desenvolver, mas que lá estão. Questionamentos que talvez Carme fizesse a si própria. Perguntas da ordem do subjetivo, sintomas de uma resistência em movimento.

### 3. Um caminho de abertura

Estas perguntas deixadas por Carme me fizeram buscar, em seu percurso tão sensível pela vida, gestos que pudessem me dizer um pouco mais. Ancorei esta busca em seu gesto de pintar, que trago aqui em três telas que me mobilizam.

(...) um caminho que tanto eu quanto ela temos da memória da infância no interior do Rio Grande do Sul... falávamos sobre isso e compartilhávamos desse imaginário rural e até bucólico... ela quis eternizar aquele momento nostálgico, regado a um bom vinho, em uma noite de primavera em Passo fundo, quando falávamos de nossas peraltices de juventude pelas estradinhas do interior: elas nos pareciam ora infinitas, inalcançáveis; ora lugar dos sonhos, caminhos possíveis... (Verli Petri 2016: 1)

## FIGURA 2

Tela “Caminho”.



Esta é a tela que Carme nomeou *Caminho*,<sup>3</sup> na qual o trajeto se faz convite. O caminho sombreado se abre em luminosidade. Nem ponto de partida nem chegada. O caminho segue num movimento em aberto. Da mesma forma que o espaço não se limita, tampouco o tempo fica registrado nessa composição. Temos o tempo da projeção, de um caminho que será percorrido, também da retrospectão, de caminhos já percorridos, e ainda de um presente irrealizado nesse caminho em aberto, que se dá como convite.

A tela de Carme me significa em meio à sua história. Uma história marcada por resistência. História de luta, de busca por cura, em um corpo que fez da adversidade um mote para o movimento dos sentidos. A tela *Caminho*, em sua composição, me impele a perguntar pelo sujeito a quem se dirige o convite, no espaço e tempo não delimitados que a tela recorta.

Tendo como princípio analítico a deslinearização da imagem pela remissão do intradiscursos ao interdiscursos,<sup>4</sup> isto é, o fio do discurso se desdobrando pela memória do dizer, olho para a tela *Caminho* e busco na memória discursiva sentidos possíveis para sua interpretação. A partir do pré-construído que ancorou a história de Carme, e que nos traz a vida significada como luta e resistência, vou tecendo os elementos em tela no fio do discurso, no trajeto de um caminho que se abre em luta para a vida. Na contradição Carme resistiu. A contradição lhe permitiu a resistência no simbólico,<sup>5</sup> permitiu que ela se reconhecesse em sentidos de vida, na luta com a doença. Carme

3 Foto enviada por Verli Petri, grande amiga de Carme.

4 Sobre a deslinearização da imagem pela remissão do intradiscursos ao interdiscursos, conferir Lagazzi (2013b, 2014, 2015).

5 Sobre a resistência simbólica conferir Lagazzi (2013a).



se ancorou na luta em busca de vida, buscando também descolar o binômio doença/morte de uma antinomia redutora.

O sujeito do convite nesta leitura que toma a tela *Caminho* em meio à memória de Carme é um sujeito sobredeterminado pela possibilidade do sentido de vida. A luminosidade, na tela *Caminho*, produz um efeito de abertura, demandando o sujeito pela vida que pode continuar a se realizar, por novos sentidos que podem vir a acontecer. É o alhures se afirmando em sua possibilidade de realização, numa leitura que se atravessa pela incompletude, pela contradição e pelo inconsciente.

No batimento entre descrição e interpretação, na tela *Caminho*, a luminosidade é um elemento marcante, que me permitiu projetar, num sujeito determinado contraditoriamente pelo sentido de luto e luta, sentidos de vida que se lançam em aberto temporal e espacialmente, num trajeto sem começo nem fim.

#### 4. O corpo em sua luta

Mais duas telas compõem o meu olhar para Carme, na tentativa de compreender um pouco mais sua luta em meio a suas dores: *Lágrima no rio* e *Tango*.<sup>6</sup>

#### FIGURA 3

Tela “Lágrima no rio”.



6 Agradeço a Evandra Grigoletto o contato feito com João Felipe Schons, filho de Carme. Agradeço a João Felipe o envio das fotos das telas.

*Lágrima no rio* é uma tela que se impõe no olhar direto que nos fita e nos faz mergulhar pupila adentro. Tanto quanto o hipnotismo desse olhar, também a lágrima nos captura em sua descida rumo ao alvo que deságua em rosa. Tomando conta das águas e da tela, a cor rosa responde ao cinza que beija o azul e o lilás, responde ao chumbo e ao preto que marcam o espaço do olhar e do chorar. Um olhar que também nos pega no colorido da íris, que prenuncia o rosa, sem ainda nos dar a dimensão de sua força. O inusitado das cores no inesperado das formas compõe esta tela que demanda o sujeito na divisão sem marca entre o choro e o gozo. Significantes que rimam no pulsar de um corpo em movimento pelo desejo e pela dor. Contradição à flor do corpo, numa tela ao mesmo tempo dividida e integrada, em suas formas e cores.

Também em *Lágrima no rio* o alhures me permite a fluidez da leitura no movimento da contradição. Uma fluidez que me impacta no confronto dos significantes em tela e na remissão desses significantes, que marcam o intradiscurso, ao interdiscurso. Choro e gozo se compoem em cor, em sentidos de dor e desejo, numa resistência que toma corpo na alteridade, espaço do outro no eu, do eu no outro. A dor no choro, o desejo no gozo. Choro de desejo, gozo de dor. Neste jogo significativo se mostra a força desestabilizadora da deriva, fazendo o corpo falar, inevitavelmente... *Lágrima no rio* nos olha na inevitabilidade de que o corpo fala. Nesta tela, Carme fez explodir essa relação entre corpo e sentido pela pintura.

O inevitável da contradição entre sua luta e seu luto, entre desejo e dor, choro e gozo parecem transbordar. Limites em deslimites que irrompem no deslizar da cadeia significativa, no cruzamento entre metáfora e metonímia, entre recalque e falta.<sup>7</sup> Na falta constitutiva da cadeia significativa o efeito metafórico vai se encadeando na impossibilidade de que objeto e desejo se recubram. Vemos no trabalho de Carme a imbricação entre luto, dor, choro, luta, desejo, gozo. No imprevisto do significativo o alhures se realiza.

## 5. A vida em sedução

Na sequência, meu olhar faz parada na tela *Tango*, que me fala do corpo no inevitável do desejo. Uma tela que vibra traduzindo o desejo em cores. Uma tela que seduz pelos sentidos que projeta.

Também nesta tela o convite está posto, mas formulado por outras relações significantes. A posição dos corpos nos diz de um enlace em tensão. Temos uma pose que fecha uma sequência, e ao mesmo tempo se abre para o próximo movimento. Ponto de parada e de retomada. Uma parada que dura o tempo de um encontro.

Tratando-se de Carme, pergunto: Que encontro é este? Como estes corpos podem significar na luta de Carme pela vida? Qual é o convite que esta tela nos faz?

Em *Tango* temos uma parada em sincronia, corpos em sintonia, sustentando-se em equilíbrio. Uma pose de dança que desliza para a conjugação dos corpos. No enlace, o encontro no inevitável do desejo, ressaltado na sutileza dos detalhes. A perna que enlaça, o abraça que envol-

---

7 Discuto essa relação de cruzamento entre a metáfora e a metonímia na cadeia significativa em Lagazzi (2013a; 2013b e 2014).

## FIGURA 4

Tela “Tango”.



ve, a iminência da entrega. Mas no limite do toque que une, se dá a impossibilidade da síntese. Um convite para o encontro num corpo que se faz desejo, numa busca pelo que falta sempre. Encontro irrealizado do que pode vir a ser. A alteridade se sustenta na busca do eu no outro, com o inexorável sempre presente.

Também em *Tango* o alhures se apresenta. No desejo que pulsa nesta tela, Carme marca sua resistência, deslizando em significantes de vida na materialidade da dança simbolizada.

### A arte de viver

Retomo o título deste artigo, no qual o corpo em sua luta e a vida em sua arte se juntam. Carme resistiu numa luta de vida em seu corpo que teimava em produzir arte. Das palavras às formas em cor, o inevitável do simbólico se fez presente em Carme. Ao me trazer em seu projeto o inexorável, ela me fez pensar no alhures, na deriva dos sentidos, nos significantes em cadeia, na imbricação das materialidades em contradição, no impossível se fazendo possível.

Fui me enredando em suas palavras e em sua pintura, cada vez mais tocada pela sensibilidade e pela força do seu trabalho e da sua arte. A luta que eu tematizo neste percurso foi se mostrando no projeto e nas telas de Carme. É uma luta da qual não sei detalhes, mas cuja força me capturou numa interlocução que se realiza na densidade da falta. Uma presença em ausência, que foi sendo sentida por aquilo que poderia ter sido.

As perguntas “fora do lugar” que Carme formulou em seu projeto e que me moveram neste trajeto de busca por suas telas, cumpriram o importante papel de fazer ressoar a contradição em sua potência de deriva, mostrando o sujeito em sua possibilidade de resistência. Parafraseando Pêcheux (1990: 55), direi que a “insistência do outro” é a lei do simbólico.

## Referências bibliográficas

- FOUCAULT, M. 2005. *Microfísica do poder*. Roberto Machado (trad.). Rio de Janeiro: Edições Graal.
- LAGAZZI, S. 2009. O recorte signficante na memória. Apresentação no III SEAD – Seminário de Estudos em Análise do Discurso, UFRGS, Porto Alegre, 2007. En F. Indursky, M. C. L. Ferreira & S. Mittmann (orgs.). *O Discurso na Contemporaneidade. Materialidades e Fronteiras*, pp. 67-78. São Carlos: Claraluz.
- LAGAZZI, S. 2011. O Recorte e o Entremeio: condições para a Materialidade Significante. En: E. A. Rodrigues, G. L. Santos, L. C. Branco (orgs.). *Análise de Discurso no Brasil: pensando o impensado sempre. Uma homenagem a Eni Orlandi*, pp. 401-410. Campinas: RG Editores.
- LAGAZZI, S. 2012. O discurso em diferentes territórios: o vermelho entre todas as cores. IN O. Maluf-Souza, V. Silva, E. de Almeida, L. S. J. Bisinoto (orgs.). *Discurso, Sujeito e Memória*, pp. 133-146. Campinas: Pontes.
- LAGAZZI, S. 2013a. Delimitações, inversões, deslocamentos em torno do Anexo 3. IN: S. Lagazzi, E. Romualdo, I. Tasso (orgs.). *Estudos do Texto e do Discurso. O discurso em contrapontos: Foucault, Maingueneau, Pêcheux*, pp. 311-331. São Carlos: Pedro & João.
- LAGAZZI, S. 2013b. A imagem do corpo no foco da metáfora e da metonímia. *REDISCO*, 2, 1: 104-110. Vitória da Conquista: Edições UESB.
- LAGAZZI, S. 2014. Metaforizações metonímicas do social. IN: E. Orlandi (org.). *Linguagem, sociedade, políticas*, pp. 105-112. Pouse Alegre: UNIVÁS; Campinas: RG Editores.
- LAGAZZI, S. 2015. Paráfrases da imagem e cenas prototípicas: em torno da memória e do equívoco. IN: G. B. Flores, N. R. M. Neckel, S. Gallo (orgs.). *Análise de Discurso em Rede: Cultura e Mídia*, pp. 177-189. Campinas: Pontes.
- LAGAZZI, S. 2017. Trajetos do sujeito na composição fílmica. IN: Flores, G., Gallo, S., Lagazzi, S., Neckel, N., Pfeiffer, C., Zoppi-Fontana, M. (Orgs.). *Análise de Discurso em Rede: Cultura e Mídia* – v. 3. Campinas, SP: Pontes.
- PÊCHEUX, M. 1990. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes.
- SCHONS, C. R. 2014. *Os desafios da mutilação: projeção imaginária e subjetividade em narrativas de mulheres mastectomizadas*. 25p. Projeto de Pós doutorado (Análise do Discurso) - Departamento de Linguística do IEL da Unicamp, Campinas.

**SUZY MARIA LAGAZZI** é Professora Colaboradora do Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem – IEL - da Universidade Estadual de Campinas e Pesquisadora Associada do Laboratório de Estudos Urbanos (LABEURB) do NUDECRI da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP.

Correo electrónico: [slagazzi@gmail.com](mailto:slagazzi@gmail.com)